

GGER0006

NOSSAS Atletas DE OURO

texto e fotos Vítor Amati

Movidos a arroz com feijão, carne e farinha, milhares de brasileiros continuam superando os limites da resistência física e do bom senso nas águas barrentas e cheias de ouro do rio Madeira, em Rondônia. Batendo recordes de coragem, mergulhadores sem qualquer formação técnica recriam enredos de faroeste, garantindo a sobrevivência com sorte e violência, com canivetes brilhantes e armas de todos os quilates. É a vida e a morte pelo ouro.







No garimpo do rio Madeira, arma é proibido por Lei. Mas todo mundo tem e bastante gente usa. Um "tresoitão" pode significar sobrevivência num lugar de poucas palavras e muita competição.

Desde que o homem se diz civilizado, ele está em busca de um valor antigo: ouro – metal nobre, o mais dúctil que existe, não oxida, não mistura com qualquer elemento.

Corrida do ouro, febre do ouro, guerra entre os povos pelo ouro. Um tema ancestral, que vem se adaptando através dos séculos. Mesmo nos dias de hoje, como no passado, são os bravos e aventureiros que buscam o metal mais precioso na fonte "inesgotável" da natureza.

Serra Pelada já foi capa de todas as revistas. Mas, esse não é o único garimpo gigante do Brasil, e esta reportagem mostra exatamente isso. O trajeto começa a cerca de 40 quilômetros de Porto Velho, em Rondônia, pelo Rio Madeira, um dos principais afluentes do rio Amazonas. O fim da linha está no Acre – ou além dele, já em território boliviano. O ouro está no rio, no fundo do rio, em lugares conhecidos como Buraco da Velha, Abunã, Guajará-Mirim, Taitu-

ba... Nosso foco é o garimpo de Periquitos, um trecho do Madeira em Rondônia, onde só há mato e bicho nas margens.

O Madeira tem esse nome porque em determinadas épocas do ano troncos enormes são "chupados" com raiz e tudo rio abaixo. É o que contam. Mas podia chamar também "rio Pó", porque segundo contam também é por ali que passa toda a cocaína vinda da Bolívia. Tanto o ouro como a coca são negócios extremamente lucrativos. O ouro alcança Cz\$ 6.700 a grama nos mercados mais concorridos do sul do País, enquanto a cocaína, na mesma medida, chega até Cz\$ 4.000 (valores de setembro).

DE JOELHOS NA ESCURIDÃO

O bravo de hoje é o mergulhador. "Cabra macho", que trabalha não menos que 18 horas por dia atrás do metal e da própria sobrevivência. Ele sabe apenas que o ouro serve pra fazer anéis, correntes e relógios. Ou então, pra trocar

por cachaça, "mesclado" (cigarro de maconha com pasta de cocaína), "mulhé" ou um "tresoitão" (revólver calibre 38).

O mergulhador dos garimpos no rio vem de toda parte do Brasil, mas a tradição diz que os melhores são do Pará e do Maranhão. Os piores são paulistas ou cariocas. Normalmente, o mergulhador não lê, e pouco escreve. Certidão de nascimento ou qualquer outro documento não faz falta a quem não tem. **Se já foi mecânico na vida, se já trabalhou como vendedor, sabe soldar, plantar, se nunca fez nada ou se já matou alguns numa briga – nada disso é importante ali. A única exigência é a coragem de mergulhar na escuridão do Madeira. É o que basta pra ser mergulhador.**

Ele usa roupa de neoprene pra não se cortar muito no moco-rô – uma pedra áspera e cortante que toma conta do fundo do rio, e que também é sinal de ouro. A roupa preferida é da marca US Dive, fabricada por Jean Costeau, filho do

pesquisador Jacques Costeau, e é regularmente adquirida em Porto Velho ou Manaus.

Tudo ok. Pega-se a marreta, idealmente com quatro quilos, mais um cinto de chumbo; testa-se a "chupeta" (regulador), coloca-se a "mascareta" (máscara) e ainda as joelheiras (de pano, usadas comumente no futebol). Então o mergulhador vai pro fundo do rio, a 25, 30 metros da superfície, e de joelhos ele fica de três a cinco horas em total escuridão, com a marreta em uma das mãos e um tubo de seis polegadas na outra. Esse tubo está ligado a uma bomba que fica na superfície, puxando pra cima todo material possível.

Não há cilindros de oxigênio para o mergulhador. O ar chega até ele também através de um tubo, que funciona às vezes como "telefone": o companheiro que está na balsa se comunica com o mergulhador por meio de puxões na mangueira de ar. E só se "conversa" o necessário. Por exemplo,



O mergulhador, o "atleta" do garimpo no rio, com roupa de borracha da marca U.S. Dive, fabricada pelo filho do pesquisador Jacques Costeau.



Nos flutuantes pode-se comprar de tudo: comida, bebida, remédio, equipamentos... No caixa, pagamento à vista, só com ouro.



Nas dragas, todo dia, toda noite a mesma coisa. Calor forte e sem vento, motores de sucção à toda, fumaça de diesel no ar.

Um sinal do mergulhador, por meio de alguns trancos na mangueira de sucção, determina a hora de o pessoal da draga "cuiar". Se há partículas de ouro, o lugar é bom.

Chico Pernambuco, dono de várias dragas no rio Madeira. Ele é conhecido como um homem de sorte, de muita sorte.





O mercúrio é usado para separar o ouro do cascalho. Operação perigosa: o vapor de mercúrio é altamente venenoso.

ordenar para o pessoal da balsa "cuiar" pra verificar se a terra não é "cega" (chegar a existência de ouro no cascalho recolhido), acelerar o motor ou confirmar a descoberta de ouro.

Lá em cima, na balsa, a conversa também é desnecessária, saber de onde veio, pra onde vai, ainda mais com o motor ligado dia e noite, soltando a fumaça preta do diesel queimado.

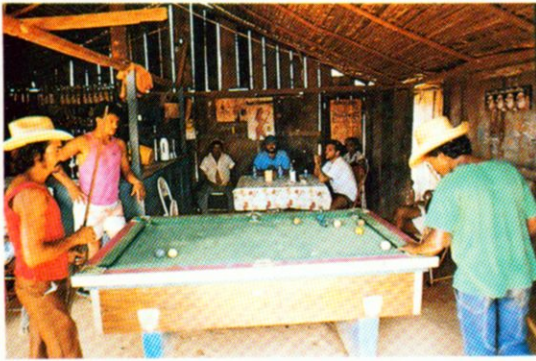
FURANDO A CANIVETE

No fundo do rio, só se localiza qualquer coisa pelo tato. Pode-se encontrar um companheiro de outra balsa, ou até não encontrar lugar no "buraco", caso ali já estejam 30 ou 40 mergulhadores, numa "fofoca".

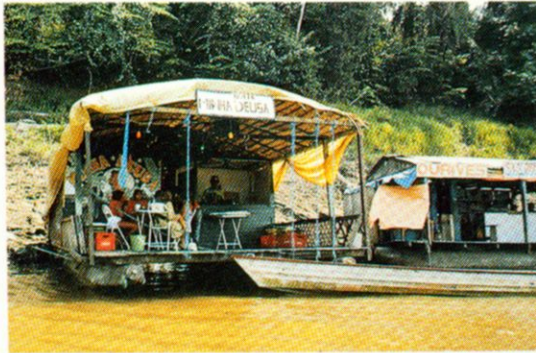
A "fofoca" se forma quando muitos mergulhadores atacam um mesmo lugar. A superfície do rio então fica lotada de barcos, balsas e dragas, enquanto no fundo dezenas e dezenas de homens disputam algum metro quadrado do espaço. Na "fofoca" é possível se achar lugar cortando a mangueira de ar de um outro mergulhador ou mesmo furando um deles com o canivete. Mas, a própria natureza se encarrega de dar espaço pra novos mergulhadores, desbarrancando as grutas construídas pela sucção das bombas. Todos sabem do risco, mas ninguém demonstra medo. Somente em um dia no garimpo de Periquitos morreram 29 mergulhadores de uma vez.

O meio de transporte mais ágil na superfície do rio é a "voadeira", um barco pequeno equipado com motor potente (40 ou 45 HP), capaz de alcançar velocidades incríveis, mesmo contra a correnteza. Subindo ou descendo o rio, é comum encontrar elementos dispersos, quase que completamente desalojados da realidade. São os "noiados", caras entupidos de tanto fumar "mesclado" (ou "melado", ou "mela"). Essa pequena mas poderosa dose de prazer, bastante popular na região, proporciona viagens particulares de mais de quatro horas.

No garimpo do rio, armas são proibidas por Lei. Mas, são poucos os que não têm uma. Pra se defender de um "cabra" que bebeu demais e simplesmente não foi com sua cara, a companhia de um fiel "tresoitão" dará boas



As opções de lazer são raras, mas valiosas. Bilhar, só em terra firme.



No Flutuante do Zé da Onça ou na Boite Minha Deusa, os heróis do ouro asseguram a subsistência. Quem está sem trabalho passa fome.





No meio da selva, a surpresa de encontrar um bom restaurante. Flutuando.



Motores trabalhando. Deitar na rede e esperar é tudo que se pode fazer.



Nas cercanias do rio Madeira, em terra firme, alguns poucos têm o privilégio de uma TV. O valor das coisas pode ser medido no "tabelamento" da cerveja: uma grama de ouro a garrafa.



Arroz, feijão, farinha e carne. Esse é o cardápio regular dos garimpeiros do rio. Algumas dragas contratam cozinheiras, que além da comida dão conta de serviços extras – cortar unhas por exemplo – sempre mediante uma ou mais gramas de ouro. Há aquelas que fazem bem mais do que apenas trabalho de manicure...

chances pra se manter vivo.

Estar vivo, porém, não basta. É preciso ter sorte e encontrar ouro, pra não acabar "blefado" (sem dinheiro e desocupado). Ao longo do Madeira, mercados, cabarés e farmácias flutuantes acompanham o caminho do ouro, carregando "blefados" e garantindo cerveja à base de uma grama de ouro cada uma.

A salvação para um "blefado" é a morte de outro mergulhador. Isso pode acontecer no entupimento de uma "chupeta", coisa normal com a água barrenta do fundo do rio. Nessas horas, o mergulhador tem de subir 15 ou 20 metros sem ar. A maioria chega à superfície já sem vida. Outra chance pro "blefado" é atacar aquele que volta sozinho dos braços de uma prostituta. É quase certeza de um lugar em alguma balsa e bem melhor do que passar fome.

A bagagem de um mergulhador é uma "boroca" (mochila). Ali cabem suas poucas roupas, revistas pornô e uma rede para descanso. A alimentação (carne, arroz, feijão e farinha) é fornecida pelo dono da balsa, que também possui todo o equipamento pra mergulho. O balseiro retém 50% do ouro encontrado com as "despesas do negócio". Os outros 50% são divididos entre os quatro ou cinco mergulhadores.

AOS ESPERTOS, O OURO

O esquema de grande indústria, de produção em larga escala, vem rapidamente substituindo as balsas pelas dragas, capazes de dominar áreas generosas no fundo do rio utilizando, por exemplo, motores de Scania turbinados sugando e sugando 24 horas por dia. Há gente fazendo fortuna em alguns meses, principalmente chineses e japoneses. São eles, em grande parte, responsáveis por 70% do ouro brasileiro contrabandeado pra outros países.

Uma draga pode render até cinco quilos de ouro por semana. Só que "fazer" ouro não é fácil, nem mesmo para as dragas mais modernas. É preciso conhecer o rio, saber administrar o negócio e dar ouvidos aos mais experientes – como Chico Pernambuco, um dos maiores balseiros de Rondônia, alguém que fatura até 13 quilos do metal a cada semana:



Ao longo do rio, pequenas portas de comércio abrigam gente de muita ou pouca sorte. Quem tem ouro no bolso tem comida, bebida e mulheres. Quem perdeu o que tinha, espera a morte de alguém pra conseguir lugar nas dragas. Sempre aparece.

A roupa de borracha é usada porque protege o corpo das pedras afiadíssimas que existem no fundo do Madeira. Completando o traje, manjadíssimas joelheiras de goleiro de futebol. Um uniforme assim dura, mais ou menos, um mês e meio no batente.



O RISCO DO MERGULHO SEM REGRAS

Os mergulhadores que não têm instrução e treinamento corretos estão expostos a vários acidentes. Conforme a gravidade, o erro pode ser fatal, como na embolia traumática pelo ar (ETA) e na doença descompressiva (DD).

A embolia traumática pelo ar acontece quando o mergulhador segura o ar nos pulmões e sobe à superfície. A pressão ambiente diminui, o ar se expande e os alvéolos e paredes dos pulmões são rompidos. Esse acidente pode ocorrer até numa piscina de cinco metros de profundidade, pois a variação de pressão é maior nos primeiros dez metros. Para evitar esse acidente é só respirar normalmente durante a subida. Se o

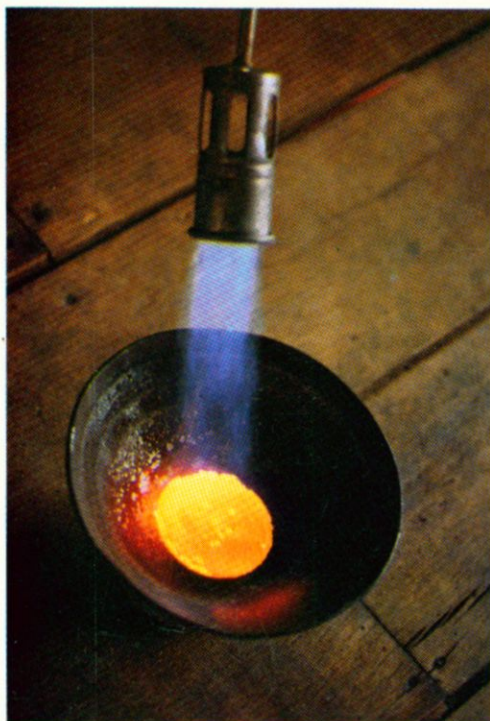
mergulhador tiver algum problema com o equipamento e ficar sem ar, ele deve subir devagar, jogando fora todo o ar que ainda tem nos pulmões, devagar e constantemente.

Quando o mergulhador fica muito tempo embaixo d'água, ele absorve maior quantidade de nitrogênio do ar – e isso vai levá-lo à doença descompressiva. O nitrogênio dissolve no organismo por causa da maior pressão ambiente. Para subir, é preciso que esse gás saia do corpo naturalmente. Daí a necessidade de subidas lentas e às vezes até com paradas para descompressão, seguindo tabelas próprias.

– Ricardo Rodrigues
(Instrutor de mergulho da Aquadive/São Paulo)



Velocinos, áreas perdidas, minas de salomões: toda essa busca cabe na palma da mão. Entre os dedos, o ouro – um pouco do passado, presente e futuro do herói das águas sujas.



Ouro, mercúrio e fogo. O último capítulo da química da fortuna.

– Aqui é preciso ser bom para ter amigos e esperto para estar vivo.

Chico era agricultor, veio pro garimpo em 79, deu azar e foi embora. Voltou depois, deu a volta e hoje é dono de várias dragas e comércios em Porto Velho. E Chico não sabe nadar.

Poucos têm a sorte de um Chico Pernambuco ou de um João Come-Vivo. A maioria conquista só malária – às vezes fatal – e envelhece precocemente aspirando vapor de mercúrio o dia todo. É a mesma maioria que acaba ali mesmo, no fundo do rio de uma terra de ninguém. E só uma coisa no Madeira vale mais do que ouro: a palavra. Apenas enquanto se acredita nela.

